

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Programa de Mestrado Profissional em Ciências Ambientais

FERNANDA DOS SANTOS MEDEIROS

A ARTE COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL:

OS CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE

Vassouras, RJ

2020

FERNANDA DOS SANTOS MEDEIROS

**A ARTE COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL:
OS CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado Profissional em Ciências Ambientais - Universidade de Vassouras, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientadora: Profa. Dra. Marise Maleck de Oliveira

Vassouras, RJ

2020

FERNANDA DOS SANTOS MEDEIROS

A ARTE COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL:

OS CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – Mestrado Profissional em Ciências Ambientais - Universidade de Vassouras, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Profa. Dra. Marise Maleck de Oliveira (Orientadora)
Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Alphonse Kelecom – Avaliador Externo
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Cristiane de Souza Siqueira Pereira -Avaliadora Interna
Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Sandro Pereira Ribeiro - Suplente
Universidade de Vassouras

Vassouras, 20 de Agosto de 2020.

Medeiros, Fernanda dos Santos

A ARTE COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO
AMBIENTAL: OS CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE / Fernanda dos
Santos Medeiros. - Vassouras: 2020.

xi, 59 f. : il. ; 29,7 cm.

Orientador: . Marise Maleck de Oliveira.

Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre em Mestrado profissional
em ciências ambientais - Universidade de Vassouras, 2020.

Inclui Ilustrações, Bibliografias e Material Anexo.

1. Arte conceitual. 2. Arte ambiental. 3. arte contemporânea. I. Oliveira, .
Marise Maleck de. II. Universidade de Vassouras. III. Título.



**Ata da Defesa de Dissertação
(Mestrado Profissional em Ciências Ambientais)**

Aos vinte dias do mês de agosto de 2020, às dez horas, via videoconferência, reuniu-se em sessão pública a Comissão Examinadora constituída pelos professores Dra. Marise Maleck de Oliveira (Universidade de Vassouras), Dra. Cristiane de Souza Siqueira Pereira (Universidade de Vassouras), Dr. Alphonse Kelecom (UFF) e Dr. Sandro Pereira Ribeiro (Examinador Interno), sob a presidência do primeiro, para a Defesa da Dissertação da Mestranda **FERNANDA DOS SANTOS MEDEIROS**, intitulada: **“A ARTE COMO INSTRUMENTO DE CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL: OS CAMINHOS DA SUSTENTABILIDADE”**.

A banca deliberou: **APROVADA**

Vassouras, 20 de Agosto de 2020.

Dra. Marise Maleck de Oliveira
Orientador

Dra. Cristiane de Souza Siqueira Pereira
Examinador Interno

Dr. Alphonse Kelecom
Examinador Externo

Dr. Sandro Pereira Ribeiro
Examinador Interno

DEDICATÓRIA

Dedico ao Grande Arquiteto do Universo que com sua engenhosidade, amorosidade e perfeição criou tudo e todos. À natureza e todos os seres minha gratidão, reverência e respeito.

Aos meus pais Lindalva e “Medeiros” Antônio Carlos que em minha infância e adolescência sempre me incentivaram e inseriram no mundo das artes, esportes e toda forma artística de expressão. Graças a eles tive a oportunidade de desenvolver-me na vida com um olhar curioso para o mundo. Ao meu marido Roberto por ser meu grande companheiro e exemplo de serenidade. À minha querida tia Jussara “Iaiá” por sempre estar por estar sempre me apoiando. Aos meus tios Ruy e Vera pelo incentivo e atenção. À minha prima Yolanda por acreditar que eu trilharia o caminho. À querida orientadora Marise Maleck por sua generosidade, paciência e presença fundamentais para que eu concluísse esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, à arte, à natureza, por me indicarem o caminho genuíno pelo qual é possível ter paz.

À minha família, minha Mãe e meu Pai por terem me proporcionado a vida e a liberdade para fazer escolhas. Meus ancestrais, avós e avôs. Ao meu avô Fernando que em vida me apresentou à beleza dos elementos da natureza e o poder da fé. Ao meu querido marido Roberto por toda atenção, afeto e presença indispensáveis para que eu concluísse essa jornada. Ao meu querido gato Tutu pela presença e companhia. Ao meu enteado Daniel. Aos seres de luz, à natureza e toda sua magnitude.

Minha gratidão aos queridos e atenciosos professores e colegas de turma.

À Universidade de Vassouras pela oportunidade de trilhar esse caminho e ampliar meus horizontes.

À Marise minha orientadora por possibilitar através de seus conhecimentos e sobretudo sua paciência e afeto, a realização desse trabalho.

EPÍGRAFE

A primavera chegará, mesmo que ninguém mais saiba seu nome, nem acredite no calendário, nem possua jardim para recebê-la. A inclinação do sol vai marcando outras sombras; e os habitantes da mata, essas criaturas naturais que ainda circulam pelo ar e pelo chão, começam a preparar sua vida para a primavera que chega...Algum dia, talvez, nada mais vai ser assim. Algum dia, talvez, os homens terão a primavera que desejarem, no momento que quiserem, independentes deste ritmo, desta ordem, deste movimento do céu. E os pássaros serão outros, com outros cantos e outros hábitos, e os ouvidos que por acaso os ouvirem não terão nada mais com tudo aquilo que, outrora se entendeu e amou...Enquanto há primavera, esta primavera natural, prestemos atenção ao sussurro dos passarinhos novos, que dão beijinhos para o ar azul. Escutemos estas vozes que andam nas árvores, caminhemos por estas estradas que ainda conservam seus sentimentos antigos: lentamente estão sendo tecidos os manacás roxos e brancos; e a eufórbia se vai tornando pulquérrima, em cada coroa vermelha que desdobra.

Texto extraído do livro "Cecília Meireles - *Obra em Prosa* - Volume 1", Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 1998, pág. 366.

RESUMO

As constantes e rápidas transformações que ocorreram mundialmente ocasionando grande degradação do meio ambiente, suscitaram em novas formas de produção e consumo. Um grande desafio se apresentou: a inserção nos meios de produção de uma nova forma de economia que alinhe criatividade, inovação e sustentabilidade. Este estudo teve como objetivo informar e conscientizar, principalmente jovens e adultos, sobre a relação direta do meio ambiente com a qualidade de vida das pessoas e a manutenção da vida no planeta. O caminho escolhido foi a utilização de expressões artísticas com o objetivo de oportunizar a reflexão crítica e promover a educação ambiental. Tendo em vista a construção de hábitos orientados pelo respeito, cuidado e preservação do meio ambiente. O contorno desta pesquisa se deu por meio da construção de obras com a temática da degradação ambiental e a confecção de uma revista informativa, alternativa e lúdica. Foram utilizados para construção das obras, objetos de uso doméstico que seriam descartados, madeira, argila, tinta natural à base de urucum, fotografia e linha de costura. Como resultado e produtos obteve-se a criação de três obras de arte de cunho educacional intituladas: “Navega-dor”, “Sangrando” e “Envenenados”, tendo como foco a degradação ambiental e a “Fanzine” intitulada “O meio ambiente somos nós, nós somos o meio ambiente”. Embora existam diversas técnicas artísticas e uma infinidade de materiais possíveis de utilização na construção de uma obra, optou-se pela “Arte conceitual” que privilegia o conceito na construção das obras ao invés do cunho estético e/ou decorativo. Neste estudo valorizou-se a função social da arte que tem como função principal a “provocação” de novas formas de enxergar temas relevantes para a sociedade. Valorizou-se a possibilidade de ter a arte como um “veículo condutor”, um instrumento de comunicação afim de alcançar um maior número possível de pessoas. Ao “tecer” no sentido de construir obras com materiais diversificados que levam à reflexão, a pesquisa possibilitou abrir caminhos para que a arte e a educação ambiental possam cocriar um futuro sustentável.

Palavras – Chave: Arte conceitual, Arte ambiental, arte contemporânea, “land” arte

ABSTRACT

The frequent, constant and rapid changes that have occurred worldwide causing great degradation of the environment, have given rise to new forms of production and consumption. A great challenge was presented: the insertion in the means of production of a new form of economy that aligns creativity, innovation and sustainability. This study aimed to inform and raise awareness, especially young people and adults, about the direct relationship between the environment and people's quality of life and the maintenance of life on the planet. The chosen path was the use of artistic expressions in order to provide critical reflection and promote environmental education. With a view to building habits guided by respect, care and preservation of the environment. The outline of this research was through the construction of works with the theme of environmental degradation and the creation of an informative, alternative and playful magazine. Household objects that would be discarded, wood, clay, natural paint based on annatto, photography and sewing thread were used for the construction of the works. As a result and products, three educational works of art were created entitled: "browser-grief", "Bleeding" and "Poisoned", focusing on environmental degradation and the "Fanzine" entitled "The environment we are we, we are the environment". Although there are several artistic techniques and an infinity of possible materials to be used in the construction of a work, the "Conceptual Art" was chosen, which privileges the concept in the construction of the works instead of the aesthetic and / or decorative nature. In this study, the social function of art was valued, whose main function was to "provoke" new ways of seeing themes relevant to society. The possibility of having art as a "driving vehicle", a communication tool in order to reach as many people as possible was valued. By "weaving" in order to build works with diversified materials that lead to reflection, the research made it possible to open paths so that art and environmental education can co-create a sustainable future.

Keywords: Conceptual art, Environmental art, contemporary art, "land" art

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Obra "Navega-dor".....	39
FIGURA 2 - Obra "Navega-dor".....	40
FIGURA 3 - Obra "Navega-dor".....	41
FIGURA 4 - Obra "Navega-dor".....	42
FIGURA 5: Obra "Navega-dor".....	44
FIGURA 6 - Obra "Sangrando".....	46
FIGURA 7 - Obra "Sangrando".....	47
FIGURA 8 - Obra "Sangrando".....	47
FIGURA 9 - Obra "Sangrando".....	48
FIGURA 10 - Obra: "Sangrando".....	49
FIGURA 11 - Obra "Envenenados".....	51
FIGURA 12 - Obra "Envenenados".....	51
FIGURA 13 - Obra "Envenenados".....	52
FIGURA 14 - Obra "Envenenados".....	53
FIGURA 15 - Capa do Fanzine.....	54

LISTA DE SIGLAS

DSP – Diagnóstico Socioambiental Participativo.....	29
FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura..	49
IUCN – União Internacional para a Conservação da Natureza.....	27
MDF – Medium-Density Fiberboard (Placa de fibra de média densidade).....	37
ONU – Organização das Nações Unidas.....	27, 49
PEA – Programa de Educação Ambiental.....	29,30
PEAT – Programa de Educação Ambiental dos Trabalhadores.....	29, 30
PIEA – Programa Internacional de Educação Ambiental.....	24
PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.....	24
SEMA – Secretaria Especial do Meio Ambiente.....	16
SISNAMA – Sistema Nacional de Meio Ambiente.....	23
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco.....	41
UNESCO – Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura	24, 58
USEPA – Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos.....	52
WWF – World Wide Fund (Fundo Mundial para a Natureza).....	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. JUSTIFICATIVA

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

 3.1 Meio Ambiente: breve histórico

 3.2 Educação Ambiental

 3.3 A arte como instrumento de educação ambiental

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivos Gerais:

4.2. Objetivos Específicos:

5. METODOLOGIA

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

7. CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa une algumas inquietações: uma delas aborda a preocupação acerca do meio ambiente como ecossistema, a degradação de rios, mares, espécies animais, fauna, flora, poluição sonora e a outra diz respeito ao meio ambiente como local de moradia, trabalho e lazer. Ambas influem diretamente no comportamento humano. O meio ambiente no qual o homem está inserido gera consequências em seu desenvolvimento físico, emocional e cognitivo. O aumento das áreas urbanas, o consumo exagerado, os poluentes advindos de indústrias e veículos automotivos; todos são causadores de impactos negativos ao meio ambiente.

Torres (2010) ressalta que uma das demandas da área da pesquisa e ação de Educação Ambiental é a busca por abordagens teórico-metodológicas que permitam o seu desenvolvimento tanto em contextos formais quanto informais de educação. Nesse sentido, privilegiou-se a expressão artística democrática (que pode e deve ser inserida nos mais diversos espaços).

Nesta pesquisa foi possível atrelar a arte e a educação ambiental com conceitos cuja aplicabilidade podem contribuir para o bem estar social, a conservação do meio ambiente e a geração de renda.

A partir das três obras de arte construídas e da revista que atende ao formato de Fanzine, buscou-se contribuir para a reflexão acerca das transformações constantes que tem afetado o Planeta e as espécies que nele habitam. A primeira obra aborda o desmatamento, a segunda a poluição de rios e mares e a terceira a poluição do solo e alimentos.

2. JUSTIFICATIVA

Pesquisar fenômenos ambientais é de suma importância para sobrevivência de nosso planeta. E, ter na arte um instrumento de sensibilização e conscientização é uma forma de utilizar das expressões criativas para despertar mudanças significativas na forma que o homem vive, produz e consome. Trata-se de adentrar em questões existenciais e essenciais da sobrevivência.

O bem estar individual está diretamente relacionado à um meio ambiente propício e adequado para vida o que significa cuidados com a natureza. Não somente algo a ser feito para o meio ambiente, mas sobretudo para que o próprio homem se mantenha vivo.

Pensar em formas de informar, conscientizar e sensibilizar as pessoas não é uma tarefa fácil, mas é possível e extremamente necessária. A educação ambiental utilizando como recurso a expressão artística pode ter um impacto muito positivo no sentido de despertar a reflexão pelo poder imagético e representação simbólica de cada obra. Desta forma, a arte e a educação ambiental podem criar e cocriar um futuro que seja um presente e um presente que seja orientado à um futuro sustentável.

3- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1. Meio Ambiente: breve histórico

É comum no mundo contemporâneo que a natureza seja tratada como algo “separado” – externo ao ser humano. Distanciamento este que tem resultado ao longo da história o uso indiscriminado dos bens naturais. A dominação da natureza cresceu “assustadoramente” “aumentou o abismo entre homem e a natureza. Há no planeta uma diversidade enorme de seres vivos e biomas. Somos todos afetados um pelos outros direta ou indiretamente.

A natureza foi apropriada pelo capital que a vê como um alvo a ser dominado e utilizado de forma a gerar lucros. O modo insustentável que a sociedade atual tem vivido tem gerado graves consequências para toda espécie que habita o planeta terra inclusive os próprios seres humanos.

Os problemas ambientais estão entre os inúmeros problemas que a humanidade criou, como consequência de sua busca incessante de evoluir e se desenvolver (MENDONÇA, 2005).

A organização capitalista pode indicar um aumento de produção e exploração da força de trabalho e da natureza.

Simmons (1982) indica que o ser humano foi caçador e coletor de materiais animais e vegetais por cerca de 90% do seu tempo sobre o planeta, não causando alterações significativas no ambiente. Com o advento da agricultura, há cerca de 10.000 anos, o uso do fogo foi fator impactante em alguns pontos do planeta; no entanto, as populações humanas ocupavam um espaço relativamente restrito e se adequavam à capacidade de suporte dos ambientes até a fase pré-industrial.

Primack & Rodrigues (2005) Com o uso dos combustíveis fósseis e a entrada na era industrial, o ser humano passou a ser a principal causa de distúrbios ambientais, interferindo na capacidade de suporte do planeta para si e demais espécies (PRIMACK & RODRIGUES, 2005).

Com uma “ideia” fixa em gerar lucros, o ser humano manteve por muito tempo hábitos de vida que desprezavam ou pouco refletiam sobre a dimensão ambiental. Para humanidade, a natureza era o bem inesgotável e o desenvolvimento econômico ditava as regras. A relação do homem com a natureza se tornou distante. Em um Seminário intitulado “O homem e a natureza”, Ricardo Abramovay menciona:

Já ultrapassamos limites ecossistêmicos em três dimensões cruciais da vida social (mudanças climáticas, erosão da biodiversidade e ciclo do nitrogênio) As decisões sociais sobre o uso de recursos não

levam em conta que a economia é parte da sociedade e que a sociedade só existe em função do conjunto de condições naturais que a civilização contemporânea está destruindo. (ABRAMOVAY, 2020).

O advento da tecnologia, os diversos avanços da ciência unificados ao sistema capitalista proporcionaram o aumento da mercantilização da natureza. O homem atendendo ao interesse do capital em gerar e acumular riquezas, passou a explorar a natureza e transformá-la para ter suas necessidades satisfeitas. O Ser humano precisa consumir para sobreviver, mas a sociedade moderna tem vivido de maneira disfuncional e marcada pela falta de consciência.

A sociedade contemporânea em nome da praticidade construiu formas de consumir que estão mais pautadas no “fast food” do que no valor nutricional, no descartável e muitas vezes sem sentido ou qualidade.

Consome-se deliberadamente todo tipo de produto sem uma reflexão crítica acerca dos resíduos gerados e o seu descarte. Esse comportamento se perpetua e a humanidade tem sofrido as consequências do desrespeito à natureza.

Veblen (1965) diz que o consumo excessivo denota o início do que se denomina industrialismo, as classes sociais mais abastadas se utilizaram tanto do ócio, possibilitado pelo emprego de serviços, quanto do consumo conspícuo, ostentatório, como meios de distinção social. Não apenas consumiam mais do que o indicado para suprir suas necessidades de subsistência e eficiência física, como buscavam maior qualidade nos bens a serem consumidos: alimentos, bebidas, habitações, a devastação da capacidade do ser humano de aquietar e pensar no coletivo, protegendo a si mesmo e aos demais. Percebe-se a busca incessante para possuir e acumular, cujo lema perpetuado é de que “tempo é dinheiro”. Consumir é ato inerente que faz parte da organização social e econômica da sociedade, porém, o motivo de preocupação é o excesso de consumo, a forma que se produz e o descarte inadequado.

Rotondaro & Zanirato (2016) revelaram que a apropriação dos bens se configurava como uma forma a mais de distinção social, o que estimulava a demanda por novos produtos. A demanda por melhores artigos de consumo impulsionou um processo de inovação, cujo objetivo imediato estava pautado por suprir a busca da felicidade, na expectativa de maior conforto e bem-estar. O consumo de bens de luxo se estabeleceu como critério de riqueza, tornando-se um item honorífico, capaz de conferir distinção social aos seus consumidores e, inversamente, a impossibilidade de consumir na devida quantidade e qualidade se tornou uma marca de inferioridade e de demérito social.

A degradação ambiental gerou transformações no ecossistema e resultou em efeitos prejudiciais à saúde humana, à fauna e flora. Ao longo de décadas espécies animais foram extintas, rios poluídos e matas destruídas.

O consumismo exacerbado leva o indivíduo ao endividamento num ciclo perverso onde compra-se cada vez mais com a ilusão de que “ter” pode gerar uma felicidade genuína. Porém, é possível observar que a satisfação do desejo ocorre de forma momentânea e logo se inicia busca para realização de uma nova compra. O “velho” é considerado antiquado, “fora de moda” e com isso a indústria da beleza, dos eletrodomésticos, automobilística e alimentícias seguem com o “marketing de guerrilha” incitam no indivíduo o desejo insaciável de ter algo novo, algo que o “inclua” e o faça sentir que pertence a um grupo de consumidores satisfeitos e de sucesso.

Com a ideia de moda, o sentido atribuído ao produto passou a ser o de ser consumido e substituído em curto prazo, e perdeu-se o sentido que até então o caracterizara como “fruto de um trabalho que se destina a ser usado (ROTONDARO & ZANIRATO, 2016).

Faz-se necessário ressaltar este fator relacional indissociável entre consumo e meio ambiente. Quanto mais a tecnologia avança, mais o ser humano consome e descarta o que não lhe “serve” mais. O que acentuou esse consumismo foi a facilidade oferecida por alguns estabelecimentos para que se obtenha os mais diversos produtos com condições possíveis de pagar diluídas em diversas prestações e com juros abusivos. Tudo para ter aquilo que está em evidência.

O sentido da moda paulatinamente se estendeu a vários produtos, sendo a vestimenta "uma das primeiras produções da sociedade tecnológica industrial e consumista", a primeira a abraçar mais ostensivamente o processo de moda (LIPOVETSKY, 2007).

Ter o que o outro tem independe do que é, se realmente é útil e fruto de uma produção justa e consciente no que diz respeito a preservação da natureza.

O longo e lento processo de construção das formas modernas de comportamento e valores contou com significativas mudanças na cultura, com a instauração de novas condutas, que foram introjetados na estrutura psíquica dos indivíduos. Nessa conjuntura se viu a transformação das "coisas do mundo moderno" em produtos a serem consumidos. A produção da riqueza material se fez acompanhada da multiplicidade das necessidades absolutas (que podem ser saciáveis) e relativas (insaciáveis, pois aumentam em conformidade com o aumento da condição socioeconômica e das interações sociais) (KEYNES, 1999) e pela crença de que o consumo de bens era um meio para se viver mais feliz (ROTONDARO & ZANIRATO, 2016).

Segundo o Código de Defesa do Consumidor, a definição de consumo é qualquer pessoa física ou jurídica que compra ou usa mercadoria ou serviço como sendo o destinatário final (NUNES JUNIOR, 2008).

Sabe-se que todo objeto consumido ao ser descartado vai para algum lugar. A expressão comumente utilizada "jogar fora" para referir-se ao lixo é uma ilusão. Não existe dentro e fora no que se refere ao Planeta. Logo, consumir de forma consciente ainda é um grande e fundamental desafio para a humanidade ainda que haja muitas informações e discussões a respeito, as ações tomadas para sanar o problema são desproporcionais às que destroem.

Cabe lançarmos um olhar atento ao momento atual vivido pela sociedade. Em função da pandemia do Corona vírus que assola o mundo, estão ocorrendo restrições de deslocamento e aglomerações, fato este que leva a sociedade a consumir apenas o essencial. Logo, é tratado como crise econômica pelos meios de comunicação de massa. Se o consumo do estritamente necessário gera uma crise econômica, a conjuntura da pandemia denuncia claramente o quanto o comportamento de consumo até então vigente é destrutivo. É possível observar que o que impera é a lógica do lucro em

detrimento da sustentabilidade. Neste cenário, o próprio conceito de sustentabilidade passa a estar no centro dos debates.

Mas então, como minimizar os impactos ambientais? De que maneira os instrumentos normativos contribuem para promoção da sustentabilidade? Uma nova visão de mundo depende da forma como a sustentabilidade em seus aspectos ambientais e sociais está compreendida.

O cerne do conceito de sustentabilidade diz respeito à preocupação com a manutenção da vida na terra.

Sustentabilidade é um conceito sistêmico relacionado com a continuidade de diversos aspectos como: econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade humana. Não há mais espaço (físico, moral e ético) para excluídos, mas todos deverão estar incluídos no novo modelo de evolução social humana. Segundo Bursztyn (2001, p.11), “é preciso que se considere também o princípio da solidariedade em relação às futuras gerações (a ética da sustentabilidade)”.

Na década de 60, houve mudanças significativas na legislação ambiental com a criação do Estatuto da Terra (em 1964), e posteriormente o novo Código de Defesa Florestal (em 1965).

Na década de 70 a conferência de Estocolmo exerceu influência e viabilizou um posicionamento para que as nações comesçassem a estruturar seus órgãos ambientais objetivando o controle da poluição ambiental. Tal conferência resultou na criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA).

Em 1981 estabeleceu-se a Política Nacional do Meio Ambiente, prevista na lei nº 6.938, que fora sancionada pelo Congresso Nacional, e continha em seu texto normativo preceitos estabelecendo a descentralização das ações, atribuindo aos Estados e Municípios a função de executores de medidas e providências para a proteção ambiental, bem como a conceituação de Estudos de Impacto Ambiental e de Relatório de Impacto Ambiental controle e preservação ambiental.

Ainda na década de 80 a proteção ambiental era vista sob uma perspectiva defensiva estimulando soluções meramente corretivas, passou a ser considerada como uma necessidade do ponto de vista econômico por transmitir uma boa imagem para a empresa que adere a proposta ambientalista em função da redução de desperdício de matéria prima.

No final da década de 80, o Relatório de Brundtland foi o responsável pela disseminação do conceito de Desenvolvimento Sustentável, alertando para necessidade da busca por meios alternativos de desenvolvimento econômico.

Com o advento da Constituição da República promulgada em 1988, a preocupação com a preservação ambiental ganhou um instrumento normativo específico e com força hierárquica sobre as demais normas infraconstitucionais.

No ano de 1992, a “Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento”, também conhecida Rio-92, foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, e teve grande importância para o movimento de proteção ambiental, pois resultou na criação da Agenda 21 e a Carta da Terra. A partir deste movimento o foco passou a ser o aperfeiçoamento de todo o processo produtivo, exercendo de forma viável uma gestão ambiental.

A conjugação dos três fatores: desenvolvimento econômico, justiça social e qualidade de vida são determinantes para a formação de uma sociedade sustentável e consciente da interferência indissociável de um elemento sobre outro na construção de um Estado Democrático de Direito:

O crescimento econômico tem que continuar a acontecer. Porém, devem-se procurar alternativas e formas de crescimento econômico que não sejam degradadoras do meio ambiente, que não sejam impactantes, e, se o forem, devem ser procuradas fórmulas a fim de neutralizar os efeitos nocivos para que o crescimento econômico continue, proporcionando as duas outras situações acima mencionadas: Qualidade de vida e Justiça social. (RIBEIRO & FERREIRA, 2005, p. 655).

3.3 - EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Cabe aqui pensar primeiramente na educação, no papel da escola e no conceito de educar que transcende às salas de aula ou à noção de família como responsável por tal tarefa ou que reveza tal responsabilidade com a escola. Se ampliarmos o conceito poderemos perceber o quão vasta é a capacidade do ser humano de aprender e se relacionar com diversos estímulos formais e informais.

Porém, desde os primórdios e até os dias atuais, a escola ainda é uma fábrica que produz pensamentos perfeitos para se encaixarem no sistema capitalista, treinando mentes e não pessoas, programando jovens e seus “mindsets” para terem sucesso esquecendo de mostrar que sucesso nem sempre está atrelado à felicidade.

A educação possivelmente surgiu nas primeiras sociedades humanas, ainda nos tempos pré-históricos, como uma forma de transmissão dos conhecimentos e costumes produzidos e recebidos dos antepassados às atuais e futuras gerações daquelas comunidades (MEKSENAS, 2012).

No cenário real, mesmo os estabelecimentos educacionais que adotaram perspectivas construtivistas em seus currículos, o fizeram mais como intenção do que como prática cotidiana. Efetivamente, o que se percebe é a repetição de uma estrutura focada mais no conteúdo do que nos indivíduos, de aulas expositivas, para grupos de estudantes passivos, em espaços confinados.

Karl Marx, preocupado com o fenômeno da alienação e da falta de confiança de camponeses e operários em sua força histórica, polemiza com os idealistas e com os essencialistas ao dizer que os seres humanos fazem sua história, mas não.

[...] a fazem como querem – ausfreien Stücken – nem sob circunstâncias de sua escolha – unter selbstgewählten –; os seres humanos fazem sua própria história sob circunstâncias pré-existentes com as quais se defrontam diretamente (Marx, 1972, p. 116).

Hannah Arendt (1999; 2004; 2009), preocupada com o fenômeno do totalitarismo que mata a política como ação humana capaz de se opor à tirania e de vencê-la, formula a ideia de que todos somos responsáveis pelo sentido

coletivo das instituições públicas necessárias ao bom funcionamento do Estado democrático de direito.

Ainda que, para este trabalho, seja adotada uma concepção construtivista da Educação (como um todo) e da Educação Ambiental (em particular), tal adoção é feita criticamente, considerando a distância entre o cenário real e o cenário ideal, experimentando alternativas possíveis para as jornadas educacionais.

Para a Nunes & Carvalho (2000, p. 32):

A escola tradicional nunca teria sido capaz de perceber que, junto ao objeto primário do seu ensino, pudessem ser aderidas outras possibilidades de aprendizagem e que, portanto, em uma simples lição de matemática – para citar um exemplo – o professor poderia também estar ensinando a criança a ter complexos de inferioridade, a não ter coragem de enfrentar obstáculos e a não ser sociável, se a condenasse e humilhasse em suas observações. Ao enfatizar a preparação da criança para responsabilidades e privilégios da vida adulta, o professor poderia fazê-la perder impulso (pois a ela só interessa o presente), levá-la a adiar suas atividades, numa irresistível tentação de protelar suas tarefas (já que o futuro está longe), enquadrá-la num médio standard convencional e obrigá-la à utilização de falsos expedientes para manobrar penas e prazeres.

A escola nova como a escola tradicional são construções. Pode a primeira permanecer apenas no nome, principalmente se pretender reproduzir o ensino escolar como o ensino industrial, concebendo-o exclusivamente como ciência aplicada, insistindo em um planejamento excessivamente detalhado, ou ainda descuidar dos aspectos planejadores da atividade escolar, caindo no empirismo rasteiro e na improvisação desprovida de conteúdo sob a justificativa de uma liberdade (mal compreendida) da criança.

Para Paulo Freire:

O educador já não é mais aquele que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. (FREIRE, 1996).

O homem moderno distanciou-se da natureza a ponto de sentir-se completamente dissociado dela, tornando-se um mero observador e infelizmente destruidor. Fala-se da natureza como algo distante, geralmente entendida como mato, árvore, plantas e legumes.

Esse distanciamento faz parte de toda transição pela qual o mundo passou desde a era pré-histórica onde a força era o que prevalecia até os tempos atuais onde o grande poder se dá pelo conhecimento.

Os animais ao longo dos séculos vêm sendo usados de forma cruel abatidos para cosméticos, moda, ornamentações e alimentação. Novamente o sentido de sacralidade se perdeu e o ser humano se distanciou do reino animal e vegetal.

Ensinar educação ambiental, é inicialmente, sensibilizar crianças e adultos quanto à própria constituição corporal e o sentimento de pertencimento a tudo que existe na terra inclusive a própria terra.

O mundo é mediador do processo educativo. Como realidade objetiva ele é cognoscível. O diálogo entre educadores e educandos é fundamental para construir novos conhecimentos e compreendendo-se, nesse processo, como seres sociais e habitantes do mesmo Planeta (FREIRE, 1983, 2003).

Sendo assim, responsável diretamente pela manutenção da própria vida e do meio ambiente. Nesse sentido podemos falar de uma arte instintiva de sobrevivência.

A escola pode e deve oferecer um ambiente que fomente atitudes reflexivas, participativas e que desenvolvam nos alunos o sentido de pertencimento, de cidadania. Com olhar atento ao que ocorre na sociedade, buscando atender aos objetivos da educação de relacionar o homem, a natureza valorizando e inserindo as questões ambientais.

A forma como as indústrias produzem prejudicam muito o meio ambiente e ainda que haja normas, infelizmente nem sempre isso é devidamente fiscalizado.

Mas, talvez tão importante quanto identificar as formas da produção industrial, o “como” é a produção industrial, seja determinar “o quê” ela produz e “por quê” ela produz. Se a atividade industrial atende a necessidades humanas básicas (alimentos, vestuário, farmacêuticos, etc.), também é verdade que ela atende a demandas humanas artificialmente produzidas e massificadas pela publicidade, e naturalizadas pelo aparelhamento social burguês como “necessidade”, o que se verifica, mais claramente, na produção de artigos eletrônicos que são adquiridos e trocados quase semestralmente.

Entender as motivações das atividades industriais, comerciais e o comportamento de consumo da sociedade são tarefas essenciais à compreensão de como se dão os principais problemas ambientais, notadamente a produção e o descarte de resíduos. Sem esta compreensão não será possível responsabilizar, efetivamente, as indústrias no enfrentamento dos problemas ambientais.

As reflexões necessárias a essa compreensão podem ser provocadas a partir da arte e, mais especificamente, a partir de sua aplicação como instrumento de Educação Ambiental.

A Educação Ambiental também está expressivamente presente em programas e projetos vinculados ao licenciamento ambiental de grandes empreendimentos, como condicionantes das licenças. Estes estão instituídos como alguns dos espaços para ações de conscientização ambiental.

A questão ambiental é um tema que vem sendo abordado frequentemente em nosso dia a dia, seja nos meios de comunicação, nas escolas, nas empresas, ou até mesmo em conversas entre amigos. Em um terreno altamente político e ideológico, a Educação Ambiental surgiu como proposta ao enfrentamento dessa crise através da articulação entre as dimensões social e ambiental (ROOS & BECKER, 2012).

Seguindo-se neste estudo, na literatura já aparecem registros sobre educação ambiental desde meados da década de 60, o reconhecimento internacional desse fazer educativo como uma estratégia para se construir sociedades sustentáveis remonta a 1975 (BRASIL, 2020). Institui-se em Estocolmo, o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), sob os auspícios da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), em atendimento à Recomendação 96 da Conferência de Estocolmo (BRASIL, 2020).

E sobretudo dois anos depois, em 1977, quando foi realizada a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, conhecida como Conferência de Tbilisi, consolidou-se o PIEA com as estratégias para a promoção da educação ambiental (BRASIL, 2020).

E, importante salientar que a educação ambiental surge no Brasil muito antes da sua institucionalização no governo federal, como uma primeira legislação conservacionista já no século XIX e início do século XX, temos a existência de um persistente movimento conservacionista e, no início dos anos 70, ocorre a emergência de um ambientalismo que se une às lutas pelas liberdades democráticas, que se manifesta através da ação isolada de professores, estudantes e escolas, por meio de pequenas ações de organizações da sociedade civil ou mesmo de prefeituras municipais e governos estaduais com atividades educacionais relacionadas às ações voltadas à recuperação, conservação e melhoria do meio ambiente (BRASIL, 2020).

Desde a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente, em 1973, em especial a partir da Constituição Federal de 1988, até o marco legal como Política Nacional, em 1999 (Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999), em seu processo de institucionalização, a Educação Ambiental vem sendo

implementada e, concomitantemente, significada e ressignificada, de forma permanente, pela sociedade como um todo (BRASIL, 2020).

A execução da Política Nacional de Educação Ambiental está a cargo dos órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), das instituições educacionais públicas e privadas dos sistemas de ensino, e dos órgãos públicos da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, envolvendo entidades não-governamentais, entidades de classe, meios de comunicação e demais segmentos da sociedade (BRASIL, 2020).

Numa crítica ao modelo antropocêntrico que tem levado à destruição de várias espécies e de recursos naturais, a educação ambiental tem papel relevante e mostra-se eficaz por ter um discurso claro, objetivo e que busca valores que conduzam a uma forma de vida respeitosa entre o homem, as demais espécies e o meio ambiente.

As reservas naturais são finitas e devem ser utilizadas considerando a reciclagem como um processo valioso e evitando desperdícios. A racionalidade necessária na utilização dos recursos da natureza encontra na Educação ambiental uma grande fonte de disseminação de conhecimentos necessários e formas de lidar com a natureza que são essenciais para a sobrevivência de todo o Planeta.

De acordo com Leff (2000 p.31):

O princípio de sustentabilidade surge como uma resposta à fratura da razão modernizadora e como uma condição para construir uma nova racionalidade produtiva, fundada no potencial ecológico e em novos sentidos de civilização a partir da diversidade cultural do gênero humano. Trata-se da reapropriação da natureza e da invenção do mundo; não só de um mundo no qual caibam muitos mundos, mas de um mundo conformado por uma diversidade de mundos, abrindo o cerco da ordem econômica-ecológica globalizada. Esse processo de transição de um sistema para outro somente será possível através da Educação Ambiental, que fornece as bases teóricas para chegar-se à sustentabilidade. É pela integração das esferas: política, social, econômica e ambiental que se terá a plenitude do desenvolvimento sustentável, através da Educação Ambiental.

É visível e extremamente preocupante o quanto o esgotamento ecológico e a degradação ambiental tornaram-se algo corriqueiro, observado em

diversos partes do mundo. O advento da tecnologia e o avanço do mundo globalizado ao mesmo tempo em que oferta conhecimento, causa uma distração e até mesmo um desvio de assuntos relevantes para gerar interesses em assuntos usuais e com foco na demanda de admiração e aceitação em massa. Permanece imperando na sociedade um grande abismo social e a falta de conscientização bem como envolvimento genuíno dos diversos atores envolvidos nessa discussão, entende-se empresas e cidadãos que precisam ser sensibilizados sobre a urgência de ações eficazes que preservem o meio ambiente.

Ramos (2010, p. 83) coloca:

Seja como for, a visão atual de natureza, potencializada pela tecnologia, herdou o projeto de dominação assentado no dualismo homem-natureza, na qual a última é instrumentalizada em benefício do primeiro. Em outras palavras, universalizou-se a postura – que se tornou dogma – de transformar o conhecimento da natureza em instrumento de seu domínio. A sustentabilidade é um processo que deve ser estabelecido em longo prazo, pois é fato que para haver um desenvolvimento sustentável é necessário trocar o atual modelo de desenvolvimento: o capitalista-industrial, uma vez que este desenvolvimento é preciso, mas também é necessário uma maneira de ter o desenvolvimento com sustentabilidade, ou seja, deve-se desenvolver, mas considerando o pleno desenvolvimento, dos seres humanos, dos animais, das plantas, de todo o planeta Terra.

A sobrevivência do homem está diretamente relacionada a manutenção da biodiversidade e cuidados específicos com o meio ambiente. Existe uma relação direta entre a saúde e o uso adequado de solos, rios, descarte de insumos e outros. Condições dignas de moradia bem como transporte e produção de alimentos dependem de uma correta ocupação das áreas destinadas a cada objetivo.

No que diz respeito à Educação ambiental, diversos espaços públicos e privados podem ser utilizados como fonte rica de produção e troca de saberes. É fundamental valorizar e não deixar morrer os saberes dos povos antigos e tradicionais que sempre tiveram na terra não apenas meio de subsistência, mas profundo respeito e sacralidade.

Um dos objetivos da Educação ambiental é contribuir para preservação do meio ambiente estabelecendo processos que formem cidadãos conscientes. Alguns comportamentos serão aprendidos na prática através de ações educativas que tenham como o foco a sustentabilidade. É fundamental e urgente que todos os cidadãos estejam comprometidos com essa temática sem enxergar o meio ambiente como algo distante e perdido de ser resgatado.

Leff (2000, p.61/62) afirma que a escola é um dos elementos para que Educação Ambiental se efetive, e reforça : Os princípios da gestão ambiental e de democracia participativa propõem a necessária transformação dos Estados nacionais e da ordem internacional para uma convergência dos interesses em conflito e dos objetivos comuns dos diferentes grupos e classes sociais em torno do desenvolvimento sustentável e da apropriação da natureza.

Órgãos públicos federais e estaduais tem trabalhado no sentido de sensibilizar cidadãos e diversos agentes econômicos na busca por soluções para conflitos ambientais. Há um fortalecimento das comunidades de base e de projetos de gestão ambiental, porém, é importante trazeremos o questionamento acerca do quanto as grandes indústrias degradam o ambiente e o que fazem para reparar tais danos. A responsabilidade geralmente é colocada apenas no cidadão através de campanhas televisivas que visam conscientizar a população. São comuns relatos de moradores de cidades onde não é feita coleta seletiva, portanto, ninguém permanece separando os resíduos.

É fundamental que cada pessoa colabore para a construção de um ambiente saudável e sustentável e para isso adote posturas e ações construtivas. A escola é um local de imensa importância na visão holística que as crianças e jovens precisam ter acerca do meio ambiente. Os conteúdos ambientais sendo correlatados com as demais disciplinas e sobretudo com a conscientização do quanto cada de um de nós é tem não somente relação direta com a natureza como depende dela para sobreviver.

Alimentação, respiração, moradia, desenvolvimento saudável, o ser humano precisa de inúmeros fatores para viver de forma saudável.

Com os conteúdos ambientais permeando todas as disciplinas do currículo e contextualizados com a realidade da comunidade, a escola ajudará o aluno a perceber a correlação dos fatos e a ter uma visão integral do mundo em que vive. Para isso a Educação Ambiental deve ser abordada de forma sistemática e transversal, em todos os níveis de ensino, assegurando a presença da dimensão ambiental de forma interdisciplinar nos currículos das diversas disciplinas e das atividades escolares. (FREIRE, 1980).

Considerando toda essa importância da temática ambiental e a visão integrada do mundo, no tempo e no espaço, sobressaem-se as escolas, como privilegiadas na implementação de atividades que propiciem essa reflexão, pois isso necessita de atividades de sala de aula e atividades de campo, com ações orientadas em projetos e em processos de participação que levem à autoconfiança, a atitudes positivas e ao comprometimento pessoal com a proteção ambiental implementados de modo interdisciplinar (DIAS, 1992).

É comum que as escolas tenham diferentes graus de dificuldade para instituir processos educacionais extra sala. As públicas porque, invariavelmente, não dispõem de recursos (materiais, financeiros e humanos) suficientes e as privadas porque encontram ambiente relativamente polêmicos junto a pais e responsáveis quase sempre relutantes quanto aos riscos de atividades fora dos muros escolares, justamente quando a “segurança” do lado de dentro desses mesmos muros está entre as principais motivações para que tenham matriculado seus filhos e filhas na rede privada em vez da pública. Neste contexto, as abordagens em matéria de Educação Ambiental acabam ficando restritas ao confinamento da sala de aula.

Uma das alternativas a este confinamento, além do aumento de recursos das escolas públicas e da sensibilização de pais e responsáveis das escolas particulares, pode estar nos programas de educação ambiental de empresas privadas, normalmente implementados como condicionantes de suas licenças ambientais.

Tais programas contemplam projetos diversos em matéria de Educação Ambiental, voltadas à população local dos territórios aonde se inserem os grandes empreendimentos. Suas atividades são desenvolvidas no âmbito do processo de licenciamento ambiental (municipal, estadual ou federal), a partir da avaliação de elementos apreendidos em diagnósticos socioambientais

participativos (DSP's) junto ao poder público e à sociedade civil organizada, alinhada à Instrução Normativa IBAMA Nº 2 de 2012, que trata da Educação Ambiental neste contexto.

Art. 2º - O Programa de Educação Ambiental deverá estruturar-se em dois Componentes: I - Componente I: Programa de Educação Ambiental - PEA, direcionado aos grupos sociais da área de influência da atividade em processo de licenciamento; II - Componente II: Programa de Educação Ambiental dos Trabalhadores - Peat, direcionado aos trabalhadores envolvidos no empreendimento objeto do licenciamento.

Em comparação à Educação Ambiental integrada nos currículos escolares, os programas que fazem parte do licenciamento ambiental ampliam o público alvo, atendendo tanto à comunidade escolar quanto a outros atores sociais, além da mão de obra do empreendimento.

Art. 3º - O PEA deverá compreender a organização de processos de ensino-aprendizagem, objetivando a participação dos grupos sociais das áreas de influência das atividades ou empreendimentos do licenciamento, na definição, formulação, implementação, monitoramento e avaliação dos projetos socioambientais de mitigação e/ou compensação, exigidos como condicionantes de licença.

§ 1º - O PEA deverá ser elaborado com base nos resultados de um diagnóstico socioambiental participativo, aqui considerado como parte integrante do processo educativo, cujo objetivo é projetos que considerem as especificidades locais e os impactos gerados pela atividade em licenciamento, sobre os diferentes grupos sociais presentes em suas áreas de influência.

§ 2º - O diagnóstico socioambiental deverá fundamentar-se em metodologias participativas, aqui entendidas como recursos técnico-pedagógicos que objetivam a promoção do protagonismo dos diferentes grupos sociais da área de influência da atividade ou empreendimento, na construção e implementação do PEA.

§ 3º - O PEA deverá ter como sujeitos prioritários da ação educativa os grupos sociais em situação de maior vulnerabilidade socioambiental impactados pela atividade em licenciamento, sem prejuízo dos demais grupos potencialmente impactados.

§ 5º - O PEA deverá ser formulado e executado de modo a buscar sinergia com políticas públicas e instrumentos de gestão em implementação na área de influência do empreendimento.

Ainda que os programas educacionais de condicionantes ambientais objetivem a que a população impactada tenha a melhor compreensão possível

sobre o empreendimento licenciado, é comum que estejam contempladas – como resultado das atividades de diagnóstico – temáticas de problemas ambientais territoriais pré-existentes e não relacionados aos impactos diretos do empreendimento. Tais temáticas podem – e devem – ser tratadas no âmbito destes programas em sentido complementar ao trabalho realizado pelas escolas da região, permitindo o aprofundamento dos conhecimentos e o aprimoramento dos processos da educação ambiental.

É possível incorporar as dimensões sociais, econômicas, culturais, ecológicas e éticas, através da educação ambiental. A educação ambiental tem como propósito, construir uma consciência social voltada a preservação ambiental, e transformar-se em filosofia de vida de modo a levar a adoção de práticas ambientalmente plausíveis com o contexto social em que vivemos, investindo nos recursos e processos ecológicos do meio ambiente, e desta forma, proporcionar o desenvolvimento e a escolha de planos de ação, que venham contribuir para a formação do processo de desenvolvimento sustentável para a melhoria da qualidade de vida social.

3.2. ARTE

Desde os mais remotos tempos, a arte sempre foi uma forma valiosa de expressão do ser humano. A linguagem imagética tem grande poder de comunicação como diz o ditado: “Uma imagem vale mais que mil palavras.”

Utilizar a arte como instrumento de conscientização ambiental é uma das maneiras de despertar reflexões sobre a existência humana, o sentido do trabalho e a relação do homem com a natureza.

A arte é uma grande aliada na luta por melhor qualidade de vida para população. Segundo Vigotski (1999), a arte é a mais importante concentração de todos os processos biológicos e sociais do indivíduo na sociedade, é um meio de equilibrar o homem com o mundo nos momentos mais críticos e responsáveis da vida.

Com este propósito, a arte e o poder da criatividade são utilizados nos diversos setores da sociedade cuja aplicabilidade e eficácia, pode solucionar problemas, otimizar resultados e indicar caminhos de desenvolvimento sustentável.

A arte ao longo dos séculos tem tocado as pessoas por meio do estímulo visual tátil e auditivo. Uma forma potente de despertar a consciência, revelar formas, expressar sentimentos e provocar reflexões.

Arte é conhecimento, e partindo deste princípio, pode-se dizer que é uma das primeiras manifestações da humanidade, pois serve como forma do ser humano marcar sua presença criando objetos e formas que representam sua vivência no mundo, o seu expressar de ideias, sensações e sentimentos e uma forma de comunicação (AZEVEDO JÚNIOR, 2007).

Considerada por muitos como privilégio de artistas, tornou-se comum a ideia de que ou se nasce criativo ou não há nada a fazer. Ao contrário do que muitos pensam, é possível desenvolver a habilidade de pensar criativamente e gerar novas ideias. Isso pode ocorrer através de métodos e processos sistemáticos que geram conexões e inauguram diferentes visões de mundo.

Bem intangível com valor incalculável, a capacidade humana de criar e inovar é desafiadora e inesgotável. Tolstoi (2002) em seu livro “O que é arte” ressalta que a arte deve antes comunicar o bem do que mostrar o belo. Inclusive porque o bem é eterno e a beleza, provisória. Sua tese final é de que o belo pode até chamar a atenção, mas a mensagem final é a que fica.

Desmistificar a ideia de que arte é pintura, escultura e só pode ser vista em museus também longe de mim desconsiderar a genialidade de grandes mestres mas a crise ambiental e catastrófica pela qual o planeta passa nos convida a utilizar a arte de forma democrática ocupando espaços urbanos, inventando técnicas e criando poéticas.

Dentre seus possíveis conceitos a “arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa ideias e emoções”, por isso, para a apreciação da arte é necessário aprender a observar, a analisar, a refletir, a criticar e a emitir opiniões fundamentadas sobre gostos, estilos, materiais e modos diferentes de fazer arte (AZEVEDO JÚNIOR, p. 7, 2007).

Não é fácil definir o que é arte. Suas aplicações são abrangentes e podem ser vistas em diversos campos de conhecimentos como a arquitetura, a filosofia, a música, a gastronomia entre outras representações.

A arte concebida como ideia de colocar o homem em equilíbrio com seu meio, se caracteriza como um reconhecimento parcial da sua natureza e da sua necessidade, tendo em vista que não é possível um permanente equilíbrio entre o homem e o mundo que o circunda, sugerindo que a arte é e sempre será necessária (FISCHER, 1983).

Os períodos da arte equivalem a cronologia do desenvolvimento da humanidade, desta forma é possível encontrar arte na Pré-história, na Antiguidade, na Idade Média, Moderna, século XX, XXI e certamente por todo o tempo que está por vir enquanto houver vida na terra. Através dos processos criativos é possível expressar ideias, construir conhecimento, ampliar a comunicação e desenvolver a criatividade. As manifestações artísticas deveriam estar inseridas nas mais variadas atividades como fonte de inspiração e aumento da produtividade por ativar áreas muitas vezes negligenciadas do cérebro, mas fundamentais para o pleno funcionamento do organismo.

Se antes do advento impressionista o ensino das Belas Artes valorizava principalmente no aluno a faculdade de observar e copiar os grandes mestres (baseada no talento), na arte moderna, o que está em jogo é a capacidade de exprimir sua individualidade através da criação do novo. Sendo assim, o aluno deveria primar pela busca imaginativa liberando sua capacidade de invenção artística.

A partir da construção de uma obra que utiliza diversos materiais, ocorre uma representação que pode transcender conceitos e ter como elemento central a expressão e o sentimento. Mais do que análise, essa junção de materiais convoca o espectador a refletir sobre o que vê e a sentir o que toca. Essa elaboração mental, intelectual ou até mesmo o silêncio fazem parte do convite pessoal, democrático e intransferível de estar no momento presente a contemplar uma obra independente se a considere bela ou feia.

“O pensamento selvagem” (Lévi-Strauss, 2008), obra em que posiciona a arte a meio caminho entre ciência e *bricolage*, segundo o qual o cientista opera por meio de conceitos e o *bricoleur*, por meio de signos. Importante mencionar a definição presente em “O Pensamento Selvagem”: a arte é um “modelo reduzido” (Lévi-Strauss 2008, p. 39) da natureza, a reprodução de um objeto em dimensões simplificadas de acordo com os limites impostos pela técnica, suporte e materiais adotados. A redução não corresponde apenas a uma questão de tamanho; nas palavras do autor:

Mesmo o tamanho natural supõe o modelo reduzido, pois que a transposição gráfica ou plástica implica sempre uma renúncia a certas dimensões do objeto: em pintura, os volumes, as cores, os cheiros, as impressões táteis, até na escultura; e nos dois casos, a dimensão temporal, pois a totalidade da obra figurada é apreendida num instante. (Lévi-Strauss 2008:39).

Há diversas formas de expressão e reflexões acerca do que pode ou não ser considerado obra de arte.

Respalhada na concepção de que a essência da arte é a sua própria definição, a arte conceitual considera a linguagem o seu principal material artístico e propõe a autonomia da obra.

O pintor e escultor francês Marcel Duchamp é considerado por muitos estudiosos o precursor da Arte Conceitual. O artista apresentou, entre 1910 e 1920, vários exemplos de trabalho que se tornariam o protótipo das obras conceituais, os *ready-made*. Por meio do “*ready-made*”, o seu maior conceito criativo, Duchamp introduziu objetos do cotidiano os elevando à categoria de obra de arte, com o propósito de chocar e romper com o cartesianismo.

A Arte Conceitual apresenta características distintas e complementares. São elas (AGÊNCIA PAPOCA, 2020):

A importância do conceito: a valorização do conceito, das ideias e dos pensamentos, sendo eles mais importantes do que o objeto e a sua representação física;

Estética não é o principal: a estética fica fora do foco, deixando de ser prioridade;

O rompimento com o formalismo: por meio da contracultura, a arte conceitual movimentando-se contra o status quo da arte com o objetivo de inovar;

O caráter eclético no uso de materiais e recursos: vídeos, instalações artísticas, performances, fotografias, textos e colagens fazem parte de alguns dos possíveis materiais usados;

A valorização da arte figurativa;

O desenvolvimento significativo de outras formas de expressão, como o grafite e a arte postal;

A utilização da ironia e da sátira;

As obras feitas com o intuito de explorar e denunciar: o artista visa explorar, questionar e denunciar a realidade, usando temas sociais, políticos e econômicos;

A definição de limites do “fazer artístico” baseado em “o que é arte?”;

O culto à antiarte: por meio do radicalismo, o artista promove uma revolução nas formas convencionais de fazer arte;

A popularização da arte como um meio de difusão de mensagens;

A crítica ao mercado da arte e ao consumo;

A contrariedade ao minimalismo artístico;

O desapego do artista em relação à obra;

O estímulo à participação do público.

4.1. Objetivo Geral:

Promover a sensibilização do público, em especial os jovens e adultos, através de expressões artísticas conceituais, para a urgência do engajamento com as pautas ambientais. Grosso modo, é objetivo geral deste trabalho apresentar a arte enquanto instrumento de educação ambiental.

4.2. Objetivos Específicos:

- Confeccionar três obras artísticas, como produto, que tenham como tema a degradação ambiental.
- Desenvolver um “Fanzine” (Fanatic + magazine), revista de Fãs, sobre educação ambiental indicando técnicas de reaproveitamento de material que possa ser multiplicada em diversos cenários.

5. METODOLOGIA

5.1. Obras de arte

Para a realização dos trabalhos artísticos foram utilizados respectivamente para as obras “Navega-dor”, “Sangrando” e “Envenenados”: objetos para descarte (lixo), brinquedos de plástico geralmente inseridos em saquinho surpresa em aniversários infantis, rede de “pesca”, barco pequeno. Na segunda obra, tronco de árvore e móveis em miniatura de MDF (Médium Density Particle board). Na terceira obra material fotográfico, linha e potes de plástico confeccionados com adesivos de veneno.

5.1.1. A primeira obra, denominada “Navega-dor” foi realizada em cinco etapas: A primeira delas consistiu em reunir ao longo de 7 meses diversos materiais de uso doméstico que seriam descartados após o uso como caixas de chás, embalagens de sabonetes, pastas de dente, papéis, entre outros. A segunda etapa foi a junção dos diversos objetos acima mencionados com argila para serem empilhados em uma base lisa de tecido que simbolizava o mar. Essa etapa com o “emaranhado” de objetos fez alusão ao lixo despejado nos rios. Na quarta etapa os objetos foram inseridos em uma vasilha com água e deixados de “molho” por cerca de 30 minutos. Essa ação fez parte do experimento que teve por finalidade vivenciar a tarefa de limpeza e separação de cada objeto. Nesta atividade foi possível mensurar ainda que numa pequena escala a dificuldade de resgatar objetos e limpá-los. Separar o barro, lavar, encontrar partes faltantes que haviam se quebrado, tudo elucidou o quão nocivo é o descarte irregular. Isso elucidou uma pequena mostra das consequências da destruição ambiental, tema em questão. O conjunto da obra tem como proposta ser exposto juntamente com um fone de ouvido “Head phone” onde seja possível ouvir a música “Canção da Partida” de autoria de Dorival Caymmi.

Na quinta etapa, os objetos lavados foram inseridos numa rede que simboliza a rede de pesca e unidos de forma aleatória. A rede foi fixada numa base de madeira e no topo da mesma obra foi colocado um barco de papel para sinalizar a pesca comprometida em função do descarte indevido. Ao invés de

peixes o pescador só encontra lixo. Essa obra está apresentada através de registro fotográfico impresso em tamanho A4.

5.1.2. Na obra “Sangrando” utilizou-se um pedaço de tronco de árvore comprado de um artesão onde foram anexadas duas cadeiras e uma mesa em miniatura representando um cenário: ‘A sala de jantar’. A obra foi confeccionada com a utilização de cola para madeira e tinta acrílica a base d’água para fabricação da tonalidade vermelha cuja representação é o sangue. Esta obra será apresentada através de objeto exposto no local.

5.1.3. A obra “Envenenados” foi realizada a partir de pesquisas sobre agrotóxicos e com o intuito de expor a gravidade da contaminação das terras e alimentos. Foi impressa em papel couchê gramatura 180 uma fotografia onde um homem pilotando um avião despeja agrotóxicos num campo de plantação. A intervenção artística foi realizada através da costura com linhas na cor vermelha. Esta obra será exposta através de recurso fotográfico.

5.2. “Fanzine” (Fanatic + magazine), revista de fãs: Esta etapa foi realizada a partir de materiais como recortes de revistas para confecção da capa, pesquisas nas principais fontes de referência na temática do meio ambiente como as Nações Unidas, Ministério do Meio Ambiente entre outros. A capa foi feita com letras recortadas de forma de aleatória de revistas antigas.

6- RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1. Obras de arte:

Este estudo resultou como produto, em três obras de arte, “Navegador” (Figuras 1 a 5). “Sangrando” (Figuras 6 a 10) e “Envenenados” (Figuras 11 a 14).

Na obra “Navegador” através de um “jogo” de palavras a palavra “dor” faz referência ao ato de navegar como algo que causa sofrimento.

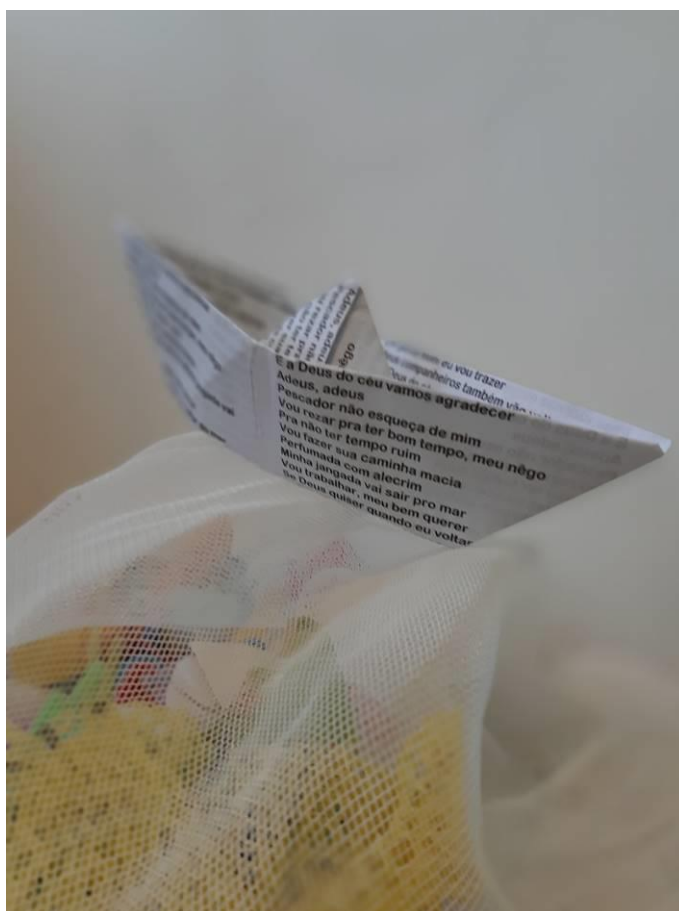


Figura 1: Obra "Navegador".

Um dos objetivos da obra foi suscitar a questão da poluição dos rios e mares. Navegar causa dor por diversos motivos: a água está poluída e turva, há mais lixo do que peixes, comunidades ribeirinhas tem o meio de sustento afetado pela poluição, o trabalho de torna insalubre e afeta a saúde de todos.



Figura 2: Obra "Navega-dor".

O lixo descartado nos rios e mares tem sido “armas” que machucam brutalmente animais marinhos. Resíduos descartados sem que haja preocupação e respeito com a vida, o ecossistema e a própria saúde humana.

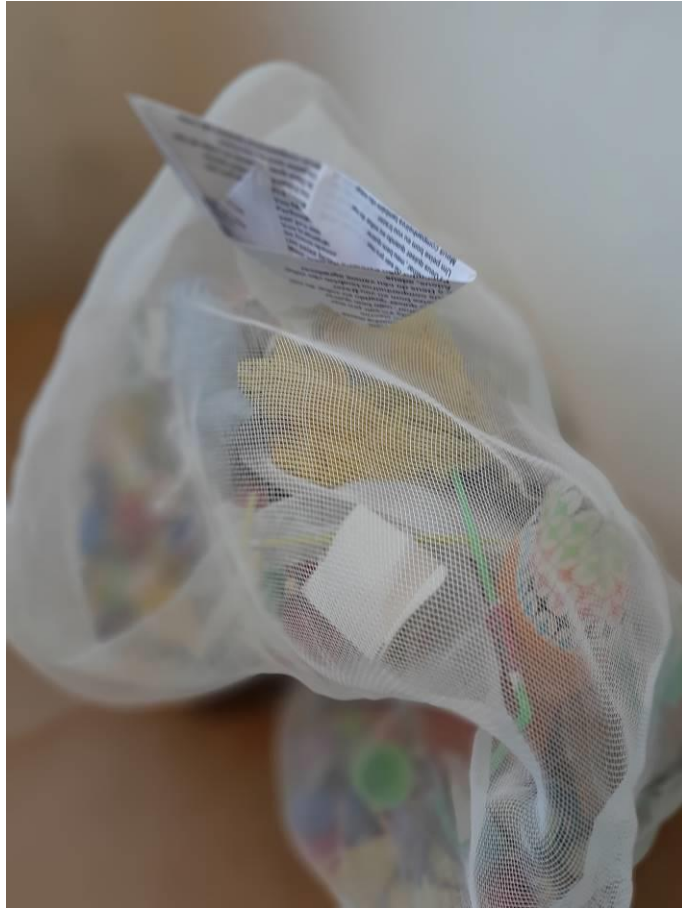


Figura 3: Obra "Navega-dor".



Figura 4: Obra "Navegador".

Esta obra é um “emaranhado” de objetos dispostos em uma rede que separam o barco da água do rio. Os elementos “corriqueiros” que juntos dão sentido à obra são: brinquedos de plástico vendidos em casas de festas com a utilidade de serem inseridos em pequenos sacos de papel para presentear as crianças presentes em festas de aniversário conhecidos como “saquinho surpresa”, papéis utilizados como rascunho, caixas de sabonetes e chás, caixas de pasta de dente, botões de roupa, carretel de linha de costura, brinquedo de tecido.

Além dos utensílios de uso doméstico guardados ao longo dos meses para a feitura da obra, os brinquedos foram idealizados para fazerem parte como uma reflexão o que é fornecido para crianças em festas no que diz respeito à forma como são confeccionados esses produtos (nada sustentáveis) e o perigo que oferecem por risco de engasgo além do descarte inadequado quando a

criança não deseja mais brincar e eles são despejados juntamente com outros objetos.

Ole Ukena é um artista conceitual alemão que através de símbolo ou texto, “joga” ironicamente com os nossos padrões e espera que seja o espectador a concluir o trabalho, interpretando-o. O sinal da paz feito com 12 mil soldados de brinquedo. Um banco com pregos espetados que, em conjunto, escrevem a palavra ‘trust’ (‘confiança’). Os materiais utilizados por Ukena servem como metáfora (VIEGA, 2020).

Outro exemplo é de Cildo Meireles (PERCINOTO, 2019). Um artista conceitual brasileiro conhecido por seu pioneirismo na criação de instalações artísticas no país. Seus trabalhos são famosos por mostrarem engajamento político e estimularem a interação do público. Com um repertório bastante diversificado, que engloba desde grandes instalações até notas falsas e garrafas de Coca-Cola, Meireles promove a experimentação por meio de suas obras. Com isso, deseja que seu público interaja de forma direta com elas. Logo, não é à toa, que suas instalações tenham se tornado o seu meio mais forte de autoexpressão. Com uma arte inteiramente conceitual, os trabalhos do artista valorizam muito mais as ideias do que os valores estéticos comuns.

Bastante estimulada pelo universo da Arte Conceitual, Anna Bella Geiger (PERCINOTO, 2019) começou a explorar, a partir da década de 1970, novas linguagens para questionar a natureza e o lugar da obra de arte. A produção da artista da época ficou marcada por seu caráter experimental, representado pela fotogravura, xerox, cartão-postal e vídeo, entre outras mídias, que retratavam a cultura nacional, o local do artista na sociedade e, é claro, o momento político do período. Utilizando a cartografia com ironia e transgressão, o seu trabalho “O Pão Nosso de Cada Dia” (1978) revela delimitações culturais, políticas e sociais, tratando de temas antagônicos, como a periferia e o centro.

Esta vivência demonstrou o quanto objetos descartados de forma indiscriminada além de poluir, se tornam quase que inutilizados. Inevitável neste instante fazer um paralelo a centenas de famílias que sofrem enchentes e tem seus lares tomados por água turva e lama. Desastres e catástrofes que tem

ocorrido com frequências cada vez maiores em nosso país e uma das causas é a destinação inadequada de lixos que entopem bueiros e enchem rios.



Figura 5: Obra "Navegador".

Cabe ressaltar outro aspecto igualmente importante que “denuncia” o abismo social de um país como o Brasil rico em fauna e flora, mas que possui um número extenso de “catadores de lixo” expostos a diversos fatores de risco. Nessa atividade honesta, porém insalubre, é possível observar pelas ruas homens, mulheres e crianças com as mãos no lixo sem a utilização de luvas “mexendo” nas latas de lixo em busca de algo que possa servir para uso próprio ou para venda.

Ao observar-se os problemas relacionados com o modo de produção capitalista, torna-se perceptível e imperiosa uma análise reflexiva acerca de uma das mais graves preocupações ambientais da atualidade, qual seja, o aumento da produção de resíduos sólidos urbanos e materiais em geral, além das dificuldades então encontradas no que concerne ao inadequado gerenciamento, refletindo negativamente não somente no meio ambiente, mas na própria

condição social daqueles que lidam diretamente com o lixo como fonte de sustento e sobrevivência.

Artistas como Chris Jordan, Henrique Oliveira, Nele Azevedo, Agnes Dene Bernard Prass (PERCINOTO, 2019). se preocupam com a temática do meio ambiente e buscam transmitir com suas obras mensagens de sustentabilidade, reflexão e consciência.

Chris Jordan (PERCINOTO, 2019) é um advogado que abandonou a carreira para trabalhar como fotógrafo. Em suas obras é possível observar a crítica ao consumismo e o descarte inadequado. É lançado através de suas fotografias e montagens de figuras o lixo se transformar em arte que “denuncia” a cultura de massa e a relação “tóxica” do ser humano com o planeta.

O artista Henrique Oliveira (PERCINOTO, 2019) criou sua primeira instalação reutilizando tapumes de um portão em deterioração. A madeira de sucata utilizada em sua obra (misto de arquitetura, pintura e escultura) lembra traços de pincel.

Ademais, o problema só tende a se agravar, pois o "volume dos resíduos sólidos está crescendo com o incremento do consumo e com a maior venda de produtos. Destarte, a toxicidade dos resíduos sólidos está aumentando com o maior uso de produtos químicos, pesticidas e com o advento da energia atômica. Seus problemas estão sendo ampliados pelo crescimento da concentração das populações urbanas e pela diminuição ou encarecimento das áreas destinadas a aterros sanitários." (MACHADO, 2003, p. 527).

Seja a partir de materiais reciclados ou não, a arte cumpre seu papel social ao expressar temas de extrema importância como a degradação ambiental. Seja na arte conceitual ou ambiental, o objetivo principal é o foco no conceito, na mensagem e reflexão proposta a partir da expressão artística.

Para Percinoto (2019), a artista Agnes Denes foi pioneira na arte ambiental e na arte conceitual e plantou um campo de trigo de dois hectares em

Manhattan, a apenas dois quarteirões de Wall Street. Batizado de “Wheatfield – A Confrontation” (Campo de Trigo – Uma confrontação), o projeto foi concebido em 1982 e é o mais conhecido da artista. Após o plantio, mais de 1.000 quilos de trigo foram colhidos e distribuídos para 28 cidades ao redor mundo.

A segunda obra realizada para esta pesquisa intitula-se “Sangrando” e trata-se de um pedaço de árvore cortado horizontalmente em seu formato original tal como foi encontrado na natureza. Em cima da madeira é localizado ao centro um “conjunto” de mesa com duas cadeiras ambas em miniatura. Na arte anterior o “tema” norteador foi à poluição da água e neste: o extermínio das árvores e o comprometimento do ar. “Um jantar” faz alusão ao fato de que se tornou comum alimentar-se sobre um “pedaço de árvore”, usá-la como adorno sem pensar no quanto aquilo prejudicou a natureza e a vida no planeta, por isso o simbolismo do “sangue” que escorre como uma ferida aberta. Muitos móveis são feitos sem seguir a lei que proíbe o desmatamento em determinadas áreas.



Figura 6: Obra “Sangrando”.

A exploração, extração e a degradação ambiental, provocam danos à fauna e à flora bem como ao solo, a água e os seres humanos. A madeira é

utilizada pelo homem em toda a sua existência, cuja potencialidade pode ser observada em diversas áreas como a indústria moveleira, a construção civil e as indústrias usineiras. No setor da construção civil, observa-se uma das causas da degradação ambiental devido à exploração desenfreada e indiscriminada destes recursos. Embora a madeira seja um recurso renovável, a extração indevida pode acarretar a extinção e destruição do meio ambiente.

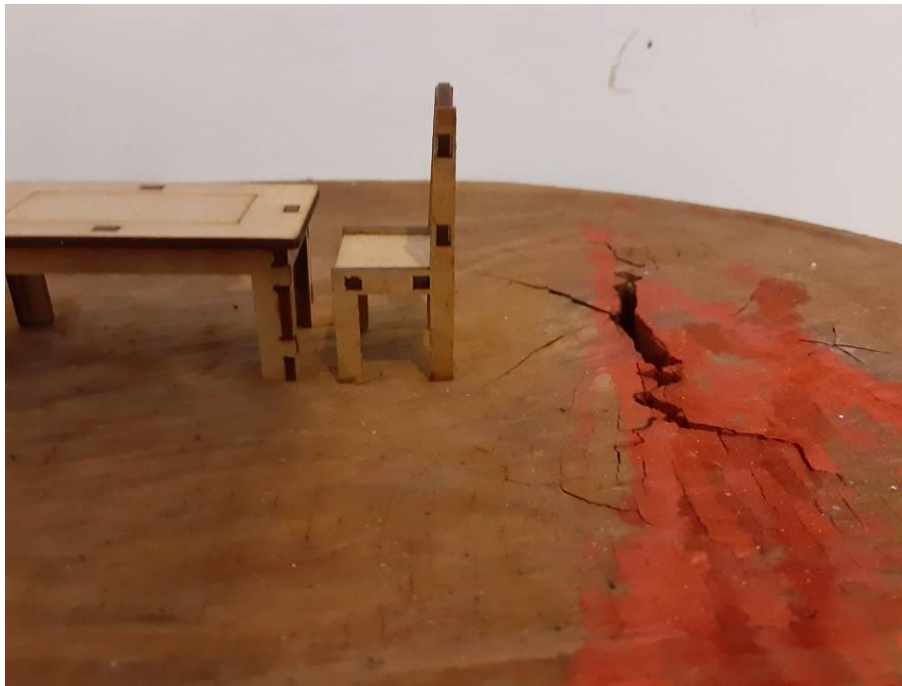


Figura 7: Obra "Sangrando".



Figura 8: Obra "Sangrando".

A sociedade contemporânea tem o hábito de consumir considerando somente a satisfação de um desejo desconsiderando reflexões acerca dos procedimentos utilizados para que um objeto chegue a sua residência.

“Sangrando” é uma forma de elucidar o que ocorre metaforicamente com a natureza ao ser tratada como objeto de mera serventia que atende aos interesses dos donos dos grandes meios de produção.



Figura 9: Obra "Sangrando".

De acordo com o alerta do Sistema de Detecção de Desmatamento em Tempo Real (Deter), que monitora diariamente a área amazônica:

A previsão de desmatamento em 2019 seria de 6,8 mil km². Entretanto, o relatório do Prodes mostrou que 9.762 km² de área de vegetação nativa foram destruídos. De acordo com os registros do Inpe, o índice é o maior desde 2008 - quase 13 mil quilômetros de mata devastada. (AGÊNCIA BRASIL, 2019).

O desmatamento representa uma das maiores questões globais sobre o uso da terra. Hoje, 31% da superfície terrestre do planeta é coberto por florestas. É por meio delas que processos vitais para a humanidade ocorrem, como a purificação do ar e da água – as florestas são responsáveis pela regulação de cerca de 57% das águas doces superficiais do mundo.

Para além disso, o desmatamento coloca em risco a diversidade biológica mundial. Afinal, pelo menos 80% das espécies terrestres vivem em florestas.



Figura 10: Obra: "Sangrando".

Ainda, de acordo com as Nações Unidas, a degradação de florestas é a principal fonte de emissões de carbono em países em desenvolvimento e menos desenvolvidos – 35% e 65% das emissões de carbono, respectivamente.

De acordo com um estudo da FAO:

Entre 2010 a 2015, a área de floresta natural no mundo diminuiu 6,5 milhões de hectares por ano. Apesar de essa cifra ter diminuído em relação ao período de 1990-2000, ainda é necessário prestar atenção aos fatores agravantes do desmatamento. (PORTAL POLITIZE, 2020).

Áreas protegidas são áreas declaradas sob a proteção legal do Estado para fins de preservação ambiental.

De acordo com o Instituto Socioambiental, em 2018, apesar de o desmatamento em Terras Indígenas ter continuado concentrado em poucos territórios, os números aceleraram. Entre agosto de 2017 e julho de 2018, o desmatamento total nestas terras saltou 124% com relação ao período anterior:

Além disso, de acordo com os dados do INPE – considerando somente as queimadas ocorridas no período de agosto de 2019 – 25 UCs e 24 TIs foram atingidas (PORTAL POLITIZE, 2020).

O descarte dificilmente é considerado como etapa fundamental para que não seja danoso para natureza. O que talvez muitos consumidores não estejam atentos é que somos diretamente impactados com a má destinação dos insumos.

O “chamariz” para o consumo é muito grande e culturalmente atrelado a datas comemorativas que incitam os gastos. Tem ocorrido nos últimos anos uma maior propaganda e incentivo aos micro empreendedores.

Trata-se de assuntos de pouco interesse pois donos de grandes meios de produção geralmente focam no consumo para fazer e acumular lucros.

Na obra “Envenenados” um campo de plantação é exposto à agrotóxicos. A intenção nesta obra foi a de retratar o que se esconde diariamente: a quantidade de veneno contida em diversos alimentos e as terríveis consequências.



Figura 11: Obra "Envenenados".



Figura 12: Obra "Envenenados".

Jornal da USP (2017) descreve o ToxPi como uma ferramenta desenvolvida em 2012 pela Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos (Usepa), que possibilita agregar diferentes informações sobre um conjunto de substâncias a fim de obter um ranking de prioridades. No ToxPi-Ariadne, foram considerados os 113 agrotóxicos mais vendidos no Brasil nos anos de 2012 a 2014. Os critérios de priorização estão relacionados com os efeitos toxicológicos dos compostos sobre a saúde humana. São analisadas a capacidade de se estimular o aparecimento de câncer e mutações e a interferência endócrina (hormonal) nos organismos. Seguindo este critério, foi atribuído maior peso às variáveis que representam efeitos toxicológicos dos agrotóxicos à saúde. Entre elas, existe também um diferencial no peso de evidência: a carcinogenicidade (potencial de causar câncer), por exemplo, tem peso maior que a mutagenicidade (potencial de causar mutações genéticas) e que a interferência endócrina. É lamentável que informações como essa não cheguem “à mesa” do consumidor. A população está sendo envenenada e consumindo legumes e verduras que são potenciais fontes de nutrientes, contaminadas por agentes tóxicos. A obra busca explicar essa questão para que não haja a ilusão de que se trata de uma escolha saudável, pois no que diz respeito a produtos agrícolas “regados” com agrotóxicos consome-se veneno.



Figura 13: Obra “Envenenados”.



Figura 14: Obra “Envenenados”.

6.2. Revista:

Este estudo resultou na confecção da “Fanzine”: “O Meio Ambiente somos nós, nós somos o Meio Ambiente.” conforme a Figura 15.



Figura 15: Capa do Fanzine.

A revista é instrumento informativo e lúdico que pretende “provocar” reflexões acerca de hábitos diários de consumidores. A capa foi feita com recortes de revistas antigas prezando pela reutilização de material que seria descartado.

Magalhães (1993) descreve o Fanzine como uma revista de publicação alternativa, independente feita de fãs de um determinado assunto, objeto ou arte e voltado para fãs do mesmo conteúdo.

Para Guimarães (2009) as revistas profissionais não podem ser consideradas Fanzine, o fator que marca essa diferença é a grande tiragem e o lucro que uma revista profissional tem. A revista já é feita em função de um mercado pré-existente. As revistas precisam oferecer aquilo, em que uma parcela dos seus leitores quer, ou seja, ela é feita em função de seus leitores. O Fanzine ao contrário de tudo isso, é a forma de expressão do editor, ou do grupo de editores. O que define o Fanzine é aquilo que o seu editor deseja compartilhar

com seus leitores. Fanzine é caracterizado também pela independência do editor que muitas vezes mantém com seus próprios custos.

O direcionamento do conteúdo aos públicos jovem e adulto foi decidido em contraposição a uma percepção, genérica, mas bastante respaldada socialmente, de que a Educação Ambiental deve focar seus esforços apenas no público infantil. Por esta ideia, as crianças compõem o único grupo social suficientemente suscetível às transformações comportamentais necessárias aos alcances pretendidos pela Educação Ambiental.

Ainda por esta lógica, o público infantil deve ter sua formação focada no desenvolvimento de habilidades e competências para resolver os problemas de seu próprio futuro.

Compreende-se que as crianças devem ser implicadas na produção de respostas às questões ambientais. Afinal de contas, é o público infantil que possui a maior quantidade de futuro em risco. Porém, percebe-se a importância de ampliar esse foco da Educação Ambiental, denunciado pela escassez de ações de envolvimento de outros públicos, em tese, responsáveis pelas causas dos problemas ambientais que colocam em risco esse suposto futuro.

Cabem muitas reflexões à esta perspectiva. Este esforço propõe uma: Até que ponto a Educação Ambiental focada nas crianças poderia desresponsabilizar os jovens e adultos pela resolução dos problemas ambientais?

A escolha de um material educativo no formato “fanzine” se deu a partir das principais características desse tipo de peça (publicações impressas independentes, artísticas e de expressiva liberdade criativa), alinhada à perspectiva artística conceitual do trabalho em sentido geral, e à discussão proposta, especificamente.

Se a intenção é contribuir para a disseminação de conteúdos ambientais diversos (informações, reflexões, provocações), optou-se por uma produção fluida sob o aspecto informativo e / lúdico. Em suma, o “fanzine” não

despreza a produção textual, mas dela utiliza forma bastante irreverente e instrutiva.

Espera-se que, seus conteúdos – especialmente suas propostas reflexivas – sejam capazes de despertar um interesse pela temática e sobretudo conduza a novos caminhos de uma vida pautada na sustentabilidade.

Finalmente, pretende-se que o “fanzine” desperte, além de uma iniciação, uma permanência.

Para quantas pessoas devem ser distribuídos os exemplares? Para tantas pessoas quanto seja possível e que estas sejam agentes multiplicadores de uma forma de pensar coletiva e justa. O público específico do “fanzine” são as pessoas preocupadas com as questões ambientais, são as pessoas que pretendemos preocupar com as questões ambientais.

No que diz respeito à arte, essa pode e deve ser instrumento de “provocação” para que mudanças significativas ocorram.

7 - CONCLUSÃO

Diante dos objetivos pautados neste estudo, avaliou-se como muito gratificante a produção das obras com o tema a degradação ambiental e a revista “O meio ambiente somos nós, nós somos o meio ambiente” com a proposta que possa ser multiplicada em diversos cenários.

Entre alcances não estabelecidos neste estudo, destaca-se uma nova perspectiva, percebida ao longo do desenvolvimento do trabalho, do potencial de impactos da Arte enquanto instrumento de Educação Ambiental cujo público alvo se constitui, para além das pessoas que terão contato com as obras, das pessoas que produzem este tipo de arte, tendo sido produzido um sem número de reflexões sobre as questões ambientais.

No caminho construído através desta pesquisa foi tratada a possibilidade da arte ser um instrumento de educação ambiental com a finalidade de influenciar a formação do ser humano despertando para uma conduta mais harmoniosa e respeitosa com o meio ambiente.

As obras de arte apresentadas nesta pesquisa que se prevalecem do conceito e viés reflexivo se oferecem à educação no enfrentamento de desafios como vencer a fragmentação simbólica instalada erroneamente que leva o ser humano a agir como se não dependesse da natureza e dela não fizesse parte.

A arte, nesse contexto, ganha uma importância extrema como instrumento de educação ambiental, tendo portanto, um grande campo de reflexão e sensibilização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. *Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) e do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da USP*. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-perda-de-sentido-nas-relacoes-entre-o-ser-humano-e-a-natureza>. Acesso em 4 maio 2020.

AGÊNCIA BRASIL. *Inpe estima em 9.762 km² desmatamento na Amazônia Legal em um ano*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-11/inpe-estima-em-9762-km2-desmatamento-na-amazonia-em-12-meses>. Acesso em 05 de junho 2019.

AGÊNCIA PAPOCA. *Arte conceitual no Brasil*. Disponível em: <https://laart.art.br/blog/arte-conceitual-no-brasil/>. Acesso em 15 jun. 2020.

ARENDDT, H. *A Vida do Espírito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ARENDDT, H. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Responsabilidade e Julgamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

AZEVEDO JUNIOR, J. G. *Apostila de Arte – Artes Visuais*. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.

BECKER, D.F. (org.) *Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?* Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1997.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 5 de outubro de 1988.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Lei 12.305, de agosto de 2010, que Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Política Nacional de Educação Ambiental. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educac%C3%A7%C3%A3o-ambiental.html>. Acessado em 30 de agosto de 2020.

BURSZTYN, M. (org.) *Ciência, ética e sustentabilidade: desafios ao novo século*. 2ª ed. São Paulo: Cortez/Unesco, 2001.

DE DUVE, T. “Kant depois de Duchamp”. In: FERREIRA, G., VENÂNCIO FILHO, P. (ed.). *Arte & Ensaio*, n. 5. Rio de Janeiro: Mestrado em História da Arte/Escola de Belas Artes, UFRJ, 1998.

DIAS, G. F. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. São Paulo, Gaia, 1992.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL. *Planejamento e uso de trilhas ecológicas interpretativas para estudantes com deficiência intelectual*. Disponível em:

http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1043>
acessado em 04 de dezembro 2014.

FISCHER, E. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ed. 11, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 37 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GUIMARÃES, E. *Algo sobre Fanzines*. Disponível em: <http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=41&rv=Literatura>. Acessado em: 10 nov. 2009.

IUCN. *Education for sustainability: a practical guide to preparing national strategies*. Gland: IUCN, 1993.

JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2008.

KEYNES, J. M. *Perspectivas econômicas para os nossos netos*. In: MASI, D. de. *Desenvolvimento sem trabalho*. São Paulo: Esfera, 1999.

LAYRARGUES, P. P. *A crise ambiental e suas implicações na educação*. 2002. Disponível em: <http://www.nerea-investiga.org>. Acessado em: 01 nov. 2008.

LEFF, E. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. Petrópolis: Vozes. 2012.

LEFF, E. *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, economia participativa e desenvolvimento sustentável*. Blumenau: Furb, 2000.

LÉVI-STRAUSS, C; ERIBON, D. *De perto e de longe*. São Paulo: CosacNaify 2008.

LIMA, G. F.C. Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade emancipatória. In: CASTRO, R.S. (Org.); LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P. *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002.

LIPOVETSKY, G. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MACHADO, P. A. L. *Direito Ambiental Brasileiro*. 19 ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Malheiros, 2003.

MAGALHÃES, H. *O que é Fanzine*. Coleção primeiros passos, nº 283 São Paulo, Brasiliense, 1993.

MARX, K. *Der Achtzehnte Brumaire des Louis Napoleon: Marx-Engels Werke*. Berlin: Dietz, 1972. Vol. 8.

MENDONÇA, R. *Conservar e criar: natureza, cultura e complexidade*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MEKSENAS, P. *Sociologia da educação: introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*. 16ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.

NUNES, C.; CARVALHO, M. M. C. *Historiografia da educação e fontes*. *Cadernos ANPEd*, Porto Alegre, (5): 32, 2000.

NUNES JÚNIOR, Vidal S. *Código de Defesa do Consumidor Interpretado*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

PERCINOTO, B. *13 artistas que trazem mensagens sustentáveis em suas obras*. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/13-artistas-que-trazem-mensagens-sustentaveis-em-suas-obras/>. Acesso em: 15 jun. de 2019.

PORTAL POLITIZE. *Desmatamento no Brasil: qual a situação?* Disponível em: <https://www.politize.com.br/desmatamento-no-brasil/>. Acesso em 21 jan. 2020.

PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. *Biologia da conservação*. 6ª impressão. Londrina: Planta, 2005.

RAMOS, E. C. *O processo de constituição das concepções de natureza: uma contribuição para o debate na Educação Ambiental*. *Revista Ambiente e Educação*. Vol.15, p.67-91, 2010.

RIBEIRO, M. F.; FERREIRA, J. S. A. B. N. O papel do Estado no desenvolvimento econômico sustentável: reflexões sobre a tributação ambiental como instrumento de políticas públicas. In: TÔRRES, Heleno T. (Org.). *Direito tributário ambiental*. São Paulo: Malheiros, 2005.

ROTONDARO, T.; ZANIRATO, S. H. *Consumo, um dos dilemas da sustentabilidade*. In: *Estudos Avançados*, vol. 30, nº 88, São Paulo. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-40142016.30880007>. Acesso em 10 de agosto de 2020.

ROOS, A.; BECKER, E. L. S. *Educação ambiental e sustentabilidade*. Universidade Federal de Santa Maria. *Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental REGET/UFSM*. Santa Maria, RS, Brasil, 2012.

SIMMONS, I. G. *Biogeografía natural y cultural*. Barcelona: Omega, 1982.

TOLSTOI, Leon. *O que é arte?*. São Paulo: Ediouro, 2002.

TORRES, J. R. *Educação Ambiental crítico-transformadora e abordagem temática freireana*. Tese (Doutorado em Educação Científica e Tecnológica), Centro de ciências biológicas: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/93568>. Acessado em 10 de agosto de 2020.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Jornal da USP*. Sistema reúne informações sobre usos e riscos de agrotóxicos. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/sistema-reune-informacoes-sobre-usos-e-riscos-dos-agrotoxicos/> Acesso em 14Jun. 2020.

VEBLEN, T. *A teoria da classe ociosa*. São Paulo: Pioneira, 1965. Disponível em: <file:///C:/Users/fesme/AppData/Local/Temp/829-Texto%20do%20artigo-3519-1-10-20140623.pdf>. Acesso em 09 Jan. 2020.

VIEGAS, E. *Conheça a arte irônica e conceitual de Ole Ukena*. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2013/08/conheca-a-arte-ironica-do-artista-conceitual-ole-ukena/>. Acesso em 15 jun. 2020.

VIGOSTSKI, L. S. (1999b). *Psicologia da arte* (P. Bezerra, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1965). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=266619&pid=S1809-5267201900030001200027&lng=pt. Acesso em 09 set. 2019.

WOJCIECHOWSKI, T. *Projetos de Educação Ambiental no Primeiro e no Segundo Ciclo do Ensino Fundamental: Problemas Socioambientais no Entorno de Escolas Municipais de Curitiba*. *Dissertação*. Programa de Pós-Graduação em Educação Setor de Educação da Universidade Federal do Rio Grande, Curitiba: 2006.